



**ALGUNS ELEMENTOS DA GEOGRAFIA PARA O ESTUDO DAS INFÂNCIAS:  
ESPAÇO E SUBJETIVIDADE**

Ana Lucia Castilhano de Araújo<sup>1</sup>

**INTRODUÇÃO**

Este texto é resultado de algumas reflexões sobre o espaço na constituição das subjetividades de crianças que habitam cidades. Ele se apresenta em formato de ensaio reunindo concepções teóricas sobre as inter-relações entre espaço e infância na cidade. Assim, diferente de um estudo científico formal, propomos expor algumas perguntas e inquietações sobre as abordagens da infância nessa grande teia que está sendo construída sobre o tema com a ajuda de vários campos do conhecimento. No presente texto procuramos dialogar com a geografia, fazendo um contraponto com a sociologia da infância e psicologia do desenvolvimento. O sentido é de aproximar conceitos relativos à formação da subjetividade, ou a constituição dos sujeitos, e o espaço, especialmente em termos da experiência infantil no contexto das cidades.

Venho, há algum tempo, refletindo sobre a importância de pesquisar os espaços das infâncias a fim de compreender o que essas experiências podem significar para a criança. Após vários anos de pesquisa sobre infância e crianças, partindo da psicologia até chegar à sociologia e educação, convenço-me, cada vez mais, sobre a importância de se constituir um estudo inter ou multidisciplinar sobre esses sujeitos em seus contextos de vida. O que é o espaço para o indivíduo? O que é o espaço para a criança, particularmente o espaço exterior de sua cidade? Que significados o espaço pode ter para uma pessoa que cresce e amplia sua visão de mundo a cada dia?

**METODOLOGIA**

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Atualmente é Professora Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Membro de corpo editorial da Aprender (Vitória da Conquista). Endereço eletrônico: [alcastilhano@gmail.com](mailto:alcastilhano@gmail.com)



Apresentamos este texto sob a forma de ensaio teórico. Para Meneghetti (2011), no ensaio, a orientação é dada não pela busca das respostas e afirmações verdadeiras, mas pelas perguntas que orientam os sujeitos para as reflexões mais profundas. O ensaio pode servir como meio de realizar análises e “elucubrações em relação ao objeto, independentemente de sua natureza ou característica”. Refletir sobre relações entre objetos e campos de conhecimento ou apresentar interrogações são considerados no texto com proposta ensaística. Assim, se o texto com rigor científico, resultado de pesquisas com objetivos, hipóteses oferece respostas e conclusões, o texto ensaístico pode se concentrar em apresentar reflexões e perguntas em direção a novos conhecimentos, científicos, quando é possível sistematizar pesquisas sobre o objeto, ou pré-científicos, quando o conhecimento ainda necessita de maturação.

Para a presente proposta, o principal sentido é pontuar reflexões, posto que o campo de estudos sobre infância e cidades ou geografia da infância vem evoluindo rapidamente por meio das pesquisas desenvolvidas em áreas diversas, com importantes expoentes no mundo todo.

## RESULTADOS/DISCUSSÃO

Para a psicologia, as relações entre o chamado “sujeito” e o que não é sujeito, ou o que se chama “objeto” variam de explicação de acordo com a teoria que se dispõe a explicar essa relação. Algumas dessas teorias se debruçam sobre a questão da identidade do sujeito ou como ela seria constituída a partir de suas relações com a realidade. No entanto, essa realidade psicológica gravita em torno de relações entre sujeitos e objetos de conhecimento ou entre sujeitos e objetos afetivos. Não queremos aqui mostrar a psicologia como um campo reducionista, pelo contrário. Estamos apenas apontando algo que se refere, provavelmente, às peculiaridades das ciências em seus esforços para explicar a realidade.

A geografia desempenha um papel fundamental para o estudo do espaço na compreensão do mundo e interpretação da realidade pela criança, dando um sentido ao mundo sob o viés da cultura. No campo da geografia podemos observar produções que fazem referência à constituição da subjetividade humana em meio a uma construção simbólica que admite os signos e realidades das culturas relacionando-os à experiência com o espaço. (SANTOS, 1997). Mais além, idéias também no campo da geografia passam



a considerar sentimentos e concepções ligados a espaços, ou a experiência dos seres humanos com seus meio-ambientes. Ideais sobre o espaço, significados atribuídos ao mundo trazem consigo componentes subjetivos e afetivos (TUAN, 1983).

Haesbaert (2006, p.131) considera o conceito de lugar como portador de características subjetivas na relação do homem com o espaço. Em geral o conceito de lugar implica processos de reconhecimento e relações de identidade. Embora a geografia elabore um sentido hermenêutico para as categorias de espaço e lugar, do ponto de vista da psicologia, ainda há diversas questões a serem consideradas. Mas isso, evidentemente, faz parte do conjunto de questões que cada ciência propõe em seu campo de investigações. A interlocução da geografia com a psicologia talvez passe pela experiência revestida de significado essencialmente emocional, e este significado pleno de sentido por meio da memória elaborada pelo indivíduo ao longo de sua vida.

Para o estudo da infância, outro conceito central no entendimento de autores, tanto da sociologia da infância (PLAISANCE, 2004) como da psicologia do desenvolvimento, especialmente nas teorias de Piaget e Vygotsky, é o de socialização. O conceito de socialização está no centro da construção da sociologia da infância, porque nele se concentra a própria definição das relações entre criança e sociedade, e acreditamos, com base nas propostas dos autores que estudam a geografia cultural, pode estar associado ao espaço como instância que, juntamente com outros processos culturais, operam na constituição da subjetividade humana, especialmente nas identificações e relações sociais. As relações entre processos de socialização e formação cultural são abordadas com propriedade pela psicologia sócio-histórica, que tem em Vygotsky seu principal expoente.

A cultura, como teia que constitui e é constituída pelos indivíduos, oferece ao ser humano os meios de se apropriar dos ambientes. A partir daí, as características humanas passam a imprimir a paisagem, transformando-a em lugar humano, ao qual as pessoas atribuem significados e se reconhecem. Assim, “reconhecer-se é memorizar imagens concretas, apreensões visuais, às vezes odores e barulhos, que permitem saber se já se esteve em tal ou qual lugar” (CLAVAL, 2007, p.189).

Andar longas distâncias na companhia de um dos pais, atravessando grandes praças, grandes avenidas, indo em direção a algum lugar. Caminhar com um objetivo, em cidades grandes, tendo imensos cenários de elementos muitas vezes incompreensíveis para uma criança. Pessoas de tipos tão variados, espaços tão amplos. Acima, abaixo. Prédios altos. Centro da cidade, distâncias a percorrer. Talvez possamos dizer que a cidade signifique, ao menos por um tempo, para a criança, um universo inteiro. Tudo o que ela conhece sobre a dinâmica social e espacial. Pessoas vivendo nas ruas, especialmente em certas partes do



centro da cidade, com suas roupas, cabelos e modos peculiares.

Podemos partir do princípio de que o espaço urbano traz questões diferentes para adultos e crianças. Partes diferentes da cidade chamam atenção de crianças e adultos. Cada um pode caminhar pelas ruas com preocupações e olhar completamente diferentes diante de um mesmo ambiente.

Espaço e lugar carregam símbolos diferentes. O espaço, para a experiência humana, possui um significado de liberdade; e o lugar, um sentido de segurança. (TUAN, 1983, p.3). Considerando que lugar implica domínio por parte do sujeito, o espaço passa a ser um lugar quando se estabelece uma relação de apropriação por parte do sujeito. No caso da criança pequena, o espaço é vivenciado juntamente com a sua família ou o grupo de adultos que a cercam. O mundo, para ela, pode ser visto do alto do colo do adulto; de sua visão de pessoa pequena em um mundo muito grande; de uma perspectiva na qual ela só pode olhar nos olhos do adulto se ele se abaixar para ela.

A proposta de Lopes e Vasconcelos (2006) é de pensar essas questões do ponto de vista de uma geografia da infância considerando os lugares como categorias imbricadas na cultura e na subjetividade. Assim, as infâncias seriam construídas em contextos territoriais a partir dos quais as identidades locais, formadas inclusive pela topografia do espaço, se entrelaçam com a produção do lugar. Crescer entre montanhas ou em cidades litorâneas, com ruas asfaltadas ou de terra, caminhando entre tons de verde de vegetação ou o vermelho do barro, forma, juntamente com os modos culturais de manejo do cotidiano, as crenças e formas de interpretar a realidade, as infâncias das crianças de um determinado lugar.

## CONCLUSÕES

O esforço para compreender a criança utilizando o discurso de outras ciências vem fazendo parte de vários estudos. Isto já é uma realidade e uma tarefa conjunta no estudo da infância. A geografia é um campo do conhecimento com grandes contribuições para o estudo da infância, especialmente ao enriquecer o conceito de cultura incorporando o espaço e as relações do ser humano com suas experiências locais, a partir de contextos carregados de sentidos e afetividade. O espaço é certamente um dos fatores de constituição dos pequenos sujeitos, as crianças, particularmente o espaço social, repleto de construções e pessoas, de objetos e artefatos que precisam ser decifrados e reinventados.



Há um processo de relações, percepções e escolhas que se ordenam a partir da vivência de determinado espaço. A vivência de um espaço aberto, da amplitude, de uma casa clara ou escura, de contatos humanos estreitos, da visão da porta se abrindo e mostrando o exterior da sua residência, tudo isso compõe uma determinada realidade que será interpretada pelo indivíduo de uma maneira própria, subjetiva.

Pesquisas que abordem os significados e o uso do espaço pelas crianças pequenas e o significado e as memórias para as crianças maiores, certamente ajudariam a fazer uma inter-relação entre conceitos como os de lugar e território aos de socialização e subjetivação nos sujeitos. Sentimentos como os de segurança, identidade, pertencimento, amor e aversão, medo, tão trabalhados pela psicologia, podem ser explorados a partir do conceito de espaço. Neste caso, para considerar que os sentimentos humanos (ou quais deles, talvez) se formam e se associam a pessoas, mas também aos espaços. Em seu processo de socialização, os seres humanos significam os contatos estabelecidos com outros seres humanos. Esses contatos se tornam importantes para a construção da própria identidade do sujeito, e são repletos de sentimentos. Este mesmo processo pode ser compreendido na evolução do espaço à condição de lugar.

**Palavras-chave:** Espaço. Infância. Geografia da infância.

## REFERÊNCIAS

CLAVAL, Paul. (2007). **A geografia cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3ª edição. Florianópolis: Editora da UFSC.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELOS, Tânia. Geografias da infância: territorialidades infantis. **Currículos sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 103-127, jan./jun. 2006.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio- teórico? **RAC. Série Debates**. Curitiba, v. 15, n. 2, pp. 320-332, Mar./Abr. 2011. Disponível em: [www.anpad.org.br/rac](http://www.anpad.org.br/rac).

PLAISANCE, Eric. Para uma sociologia da pequena infância. **Cadernos de Estudos**



**Educação e Sociedade.** Trad. Alain François. vol. 25, nº 86. Abril 2004. Campinas: CEDES. pp.1-21.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel. 1983.